



## **Profissão Repórter: análise dos elementos jornalísticos do programa<sup>1</sup>**

Pedro SANTOS<sup>2</sup>

José Francisco Castilhos KARAM<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, SC

### **RESUMO**

O programa *Profissão Repórter* foi a grande inovação jornalística da Rede Globo nos últimos dez anos. Este artigo pretende analisar os recursos que o programa utiliza para ter obtido tamanho destaque, primeiro como quadro especial do *Fantástico* até se fixar na grade da emissora como semanal com cerca de 30 minutos. Para fundamentar nossa pesquisa, analisamos quinze programas, que foram ao ar entre junho e setembro de 2008.

**PALAVRAS-CHAVE:** Profissão Repórter; telejornalismo; reportagem; Rede Globo

### **TEXTO DO TRABALHO**

Depois de dois anos e 48 reportagens especiais para o *Fantástico*, o *Profissão Repórter* passa a ser exibido semanalmente em junho de 2008. Há dez anos, a Rede Globo não investia em novos programas jornalísticos. Resolveram apostar no sonho antigo do jornalista Caco Barcellos de coordenar jovens repórteres em um programa de reportagens que se destacasse por elementos que visam melhor apreender um fato ou acontecimento em suas possíveis angulações. São tais elementos que pretendemos verificar neste trabalho. Para isso, analisamos os quinze programas que foram ao ar entre junho e setembro deste ano.

“Nos bastidores da notícia, nos desafios da reportagem.” Essa é a chamada e o mote do *Profissão Repórter*, proferidos em todo início de programa por Caco Barcellos. Um diferencial importante é justamente a primeira parte da frase acima. Mostrar os bastidores daquilo que a imprensa veicula era comum no *Profissão Repórter* como quadro do *Fantástico*. Com a exibição semanal, vieram as grandes reportagens e temas não factuais, como a vida das pessoas que trabalham em baixo da terra ou a indústria do sexo no Brasil.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de graduação, 7º semestre do curso de Jornalismo da UFSC-SC, e-mail: pikneo@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor –doutor do curso de Jornalismo da UFSC-SC, e-mail: fjkaram@terra.com.br



Figura I

Quando se refere a “bastidores da notícia”, Caco Barcellos está também falando do modo de produção do programa, que tem o objetivo de mostrar como a matéria é feita. Normalmente, saem para a rua um repórter e duas câmeras: uma que filma do modo como estamos acostumados a ver nos telejornais, e outra que filma a câmera filmando, de modo a explicitar o processo de filmagem e todas as modificações que o aparelho de gravação provoca na cena. É o reconhecimento de que se está fazendo uma produção e de que não existe a propagada objetividade da câmera, que filmaria diretamente os acontecimentos tais como são. Como nos ensina Consuelo Lins: “O ato de filmar implica uma metamorfose daqueles que filmam e dos que são filmados, que pode ser assumida ou disfarçada por convenções estabelecidas” (2007: 228). Aqui, elas são assumidas, indo contra as convenções do telejornalismo tradicional, mas já bastante difundidas em filmes documentários.

É assim que vemos, por exemplo, a aflição da repórter quando trava o elevador e ela quase perde o momento da cirurgia, no primeiro programa “À espera de um coração”. Ou, na reportagem sobre maternidades (programa dez), quando vemos, em dois planos, a repórter chorar em um enterro.

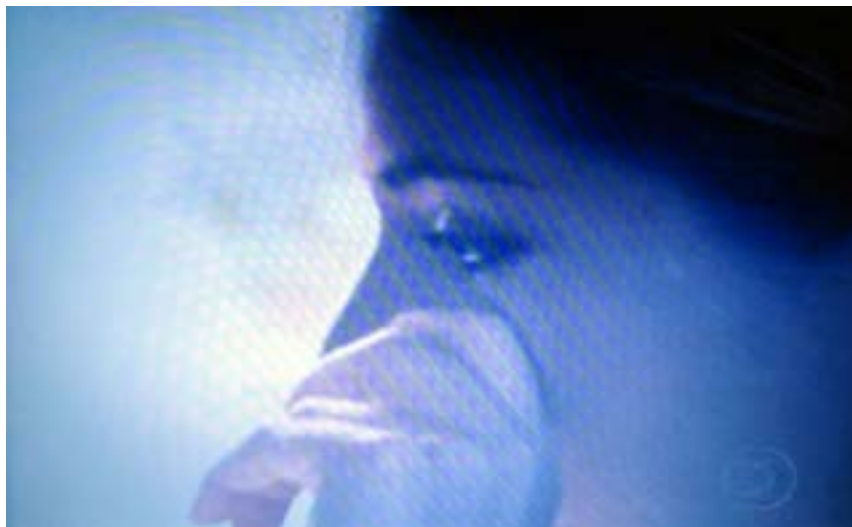


Figura II

O *Profissão* Repórter trabalha da seguinte maneira: uma vez definido o objeto da reportagem, a equipe se divide para tentar apreender as diversas partes envolvidas. Tem-se tempo e investimento para acompanhar por um mês ou mais algum entrevistado. E sempre no modelo de buscar no singular elementos que possam ser sugeridos para uma perspectiva universal, como propõe Adelmo Genro Filho (1987). A teoria de Adelmo está baseada na notícia, mas podemos ampliá-la para o tipo de reportagem com que o programa desenvolve. Para o autor, o jornalismo revela uma modalidade de percepção e conhecimento social da realidade através da sua reprodução pelo ângulo da singularidade.

É o que acontece no programa seis, sobre a indústria do sexo. A equipe acompanha as gravações de um filme pornográfico, entrevista os donos de um cinema pornô – buscando conhecer o modo de vida dessas pessoas – e vão atrás de algumas prostitutas em beira de estrada. Mas é na singularidade de uma personagem específica que somos levados à sugestão de universalidade, proposta por Adelmo. Trata-se de Dona Rosinha, uma senhora de 73 anos que trabalhava como prostituta. Por meio do relato dela, somos levados a questões mais amplas e complexas não abordadas diretamente pelo programa, mas evidenciadas pela sugestão de universalidade no tema tratado e nos dilemas, dúvidas e problemas da profissão de prostituta e na situação do idoso no Brasil.

Ainda nessa matéria sobre sexo, vemos que, apesar da necessária redução de tamanho e complexidade do recorte jornalístico sobre o assunto, o tema é visto como dentro de um



sistema integrado, em que as partes se interligam e uma necessariamente se alimenta da outra: o cinema pornô, que não existiria sem a produção de filmes do gênero, ou a distinta realidade do glamour do cinema com a vida de quem trabalha na beira da estrada.

A montagem da maioria das matérias segue as proposições formuladas por Tom Wolfe a respeito do Novo Jornalismo. O autor defende o jornalismo de exaustão em que absolutamente tudo pode interessar na composição do quadro que o repórter pretende expor. Para tanto, Wolfe desenvolve quatro sugestões ou mandamentos: a) construção cena a cena, como no cinema; b) o uso de diálogos completos; c) o ponto de vista da terceira pessoa, apresentando a cena por intermédio dos olhos de um personagem particular; d) o registro dos gestos, dos hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, como se comportam com outras pessoas, etc.

Wolfe teoriza a partir da reportagem impressa, mas suas idéias são aplicadas no *Profissão Repórter* ao que diz respeito à forma narrativa, com montagens paralelas que imprimem dinamismo e agilidade às histórias que se pretende contar.

Em “À espera de um coração”, acompanhamos histórias que tratam sobre transplante de coração no Brasil. Começamos com Amanda, uma criança que espera um coração que possa ser adaptado ao organismo dela. Em uma das tentativas, “o coração que não serviu para Amanda serviu para Fábio”, como narra Caco Barcellos. Seguimos com Fábio e logo depois com Roberto, um rapaz que está esperando sete meses pelo transplante. Vamos, então, ao coração sendo retirado do doador, ser levado de helicóptero até o Instituto do Coração enquanto Roberto é preparado para o transplante. A tensão do momento é transmitida ao telespectador. A repórter que acompanha o coração liga para o jornalista que está com Roberto e presenciamos as falas apressadas do telefonema até o final feliz.

No segundo bloco voltamos com Amanda para conhecer a casa dela, o médico que fala sobre falta de perspectivas da menina, as irmãs, além do relato emocionante da enfermeira que diz como é conviver com os pacientes. Seguimos, paralelamente, com a notícia do falecimento do jornalista Delmar Marques.



No final, a operação de Amanda é bem sucedida e é assim que encerra o programa que, de acordo com o *off* de Caco Barcellos, foi produzido durante dois meses.

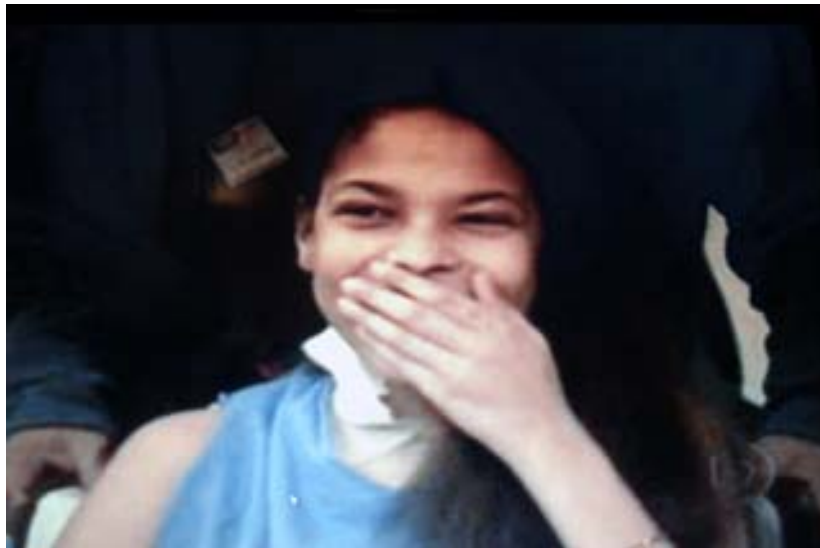


Figura III

A partir desse esqueleto do programa “À espera de um coração”, fica claro que a forma de narrar de *Profissão Repórter* vai ao encontro do que nos ensina Bird e Dardenne, que citando Scholes (1982), escrevem: “Uma narrativa para se tornar numa estória tem de ser orientada de maneira específica, apresentando habitualmente relações de causa e efeito numa progressão lógica. As explicações devem ser interligadas no tecido narrativo”.

A estética do realismo ou melodrama está presente no programa como meio, também, de criar identificação com os telespectadores. Sobre processos de identificação, Langer assinala:

Fazem-no acentuando o lado comum da vítima, como descrições de particularidades arbitrárias ou detalhes biográficos, e eliminando ou limitando a intervenção humana na ação por uma diversidade de processos discursivos. São exemplos a atribuição de poder a objetos inanimados (“Carro matou menor”), a evocação expressa do destino ou sorte (“O infeliz faleceu a caminho do hospital”), a invocação do inexplicável que produz incongruência ente o que sabemos sobre uma vítima e o que lhe aconteceu (“A queda do avião ceifou a vida do seu experiente piloto”), a chamada de atenção para a rapidez com que ocorreram as circunstâncias que escaparam ao controle quer da vítima quer dos outros (“Iludindo a vigilância da mãe, a pequena Maria do Céu, de dois anos, ingeriu um frasco de lixívia.”), a orientação para eventos e a secundarização das condições sociais ou



históricas que estiveram na sua origem. (LANGER, apud Ponte, 2004: 39-40)

Tudo isso também para compor o que Barthes chamou de efeito de real, o resultado das estratégias dos discursos realistas, aqueles que, na busca de testemunho para o seu testemunho, recorrem a uma realidade em cuja construção colaboram.

O fato de *Profissão Repórter* ter chegado à grade semanal de uma emissora conhecida pelo tradicionalismo nos programas assinala uma demanda do público por reportagens. Espera-se mais do jornalismo. Espera-se histórias de vida, temas vistos por ângulos diversos e simultâneos. Enfim, um jornalismo narrativo, tendência em que aposta os professores Sergio Vilas Boas, Rodrigo Stucchi, Edvaldo Pereira Lima e Celso Falaschi criadores da Associação Brasileira de Jornalismo Literários (ABJL).

## REFERÊNCIAS

BENTES, Ivana (org). **Ecos do cinema – de Lumière ao digital**. Editora UFRJ: Rio de Janeiro, RJ, 2007

BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert. **Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias**. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1999

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, RS: Tchê!, 1987

GOMES, Mayra Rodriguez. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo, Edusp e Hacker Editores, 2000

LINS, Consuelo e MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2008

PONTE, Cristina. **Leituras das notícias: contributos para uma análise do discurso jornalístico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. Cia das letras. São Paulo, SP, 2005